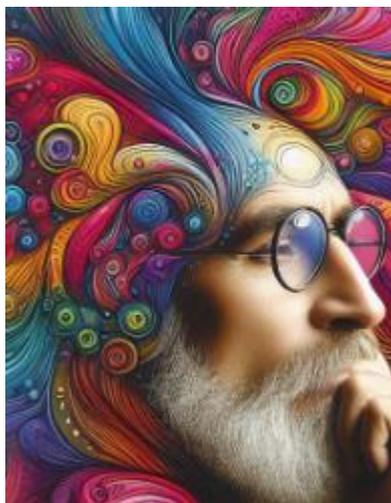


Alma



SunKuWriter
Revista Junho 2025

Filipe Alexandre de Andrade Sá Moura
Filipe@FilipeMoura.com
Sunkuwriter Movement

#SunKuWriter

Noites vazias,
alma ecoa o silêncio,
vazio em mim.

Pensamentos a rodopiar,
o ar preso sem lugar,
respiro até sufocar.

Sem tempo, sem lugar,
na sombra a esperar,
existir sem luz, sem ar.

Nas sombras da aparência, camuflado estou pintado e deveras alterado.
Sem consciência, perco-me na mente profunda do som.

Partido em pedaços, ideias que evaporam como nevoeiro. A vida corre,
transparente, sem mensageiro... só eu, comigo mesmo.

Vultos dançam no breu,
Sombras sussurram segredos,
Lua fria aquece.

As palavras dançam vazias, sem rumo, sem eco. Letras soltas, sem
destino, como eu: uma caneta que esqueceu como de escrever sonhos.

Escrevo sem ler, palavras dançam na magia do papel rasgado. Luz e
sombra entrelaçadas, segredos escondidos na tinta.

Sonhos de tinta, memórias que se desfazem, borrões de ideias inquietas.
Gatafunhos sem forma, traços perdidos na dança da mente.

Memórias guardadas,
no presente renascem,
futuro enterrado.

Sou um espelho sem imagem, partido na alma, sem reflexo no tempo.
Quando me vejo, desfaço-me, no reflexo: uma aparição que se dissolve.

Fumo dança no ar,
pensamento a revirar,
eco a murmurar.

O poeta não escreve,
lágrimas viram palavras,
silêncio que fala.

A alma, invisível ao olhar, mas sentida no coração.
Sussurra segredos que ninguém ouve,
Pois talvez a alma seja apenas o eco do que somos.

Nos trilhos do tempo,
corro para trás a sorrir,
loucura a florir.

Sou o que sinto, sem sentido. Talvez não haja sentido algum, apenas uma
marcha atrás, uma fuga para o vazio. No silêncio, as palavras são o meu
refúgio, soltas, sem amarras.

Às vezes, sou um universo perdido, uma noite sem estrelas, um luar que
se esconde. Fujo na escuridão, onde ninguém me encontra, mas talvez
me descubra.

O meu grito não é meu, são ecos de vozes que dançam na minha mente.
Perfura-me o silêncio que ninguém ouve, mas grita tão alto dentro de
mim.

Tempo a rodopiar,
sem passado a pesar,
o presente a escapar.

Que as palavras sejam vento,
sem asas, sem destino,
um só pensamento perdido no infinito.

A minha sombra ilumina-me, uma luz sem detalhes, um reflexo fugaz. Às vezes parece não existir, mas está sempre lá, dançando na luz do sol.

As palavras que não escrevo sufocam-me,
não são lidas, mas dançam no meu pensamento.
Versos sem rima, na cabeça, sem pensar.

No silêncio da noite,
um eco na mente dança,
palavras ganham vida.

O mundo é o poema que sonhamos, mas não escrevemos. Vivo num universo onde a escrita dança sem palavras.

No universo das letras,
palavras dançam, apaixonadas.
Um soneto nasce.

A alma que chora,
no piano ecoa a dor,
melodia e amor.

No meu peito ecoa o vazio,
um vulto que dança no escuro,
sou noite sem lua.

Na penumbra da alma,
a luz perdeu a calma.
Só tua estrela guia,
brilha na melancolia.

Silêncio grita na multidão,
vozes ecoam sem direção.
Palavras da noite,
verdade em escuridão.

Palavras são a minha pele, letras o meu sangue. O papel é o universo onde respiro. Sem escrever, sou vazio, sou nada.

Na penumbra, sou luz que dança, sussurros que abraçam. Entre a loucura e o peso do existir, escrevo o infinito.

Sou o louco da caneta,
onde a fantasia dança e se liberta.
Papel consome, tinta escorre,
lágrimas ardentes que o coração suporta.

Sem escrever, sou sombra no tempo. Paro, estagno, onde a palavra morre e o silêncio pesa. Só nas letras respiro.

Cada palavra é um pulsar,
cada frase, o ar que respiro.
Sem elas, desfaço-me no vazio.

Olhares que falam,
Anos que passam,
Sentimentos que pesam.

Mentes que mentem,
Penetram no olhar,
Onde às vezes morro.

No oceano da escrita, onde gotas viram universos, sou náufrago das letras que cantam canções de sereia. Hipnotizado, afundo em versos sem fim.

Minha viagem é um barco sem porto, um naufrágio que escolhe o mar. Navegar é viver, correr o mundo dos mundos é sonhar.

Preparo a tinta como quem afia a alma. O meu sangue, as palavras, a guerra que travo em frases sem fim. Nunca venço, mas continuo.

No vazio do pensar, encontro-me perdido,

num sítio que não é meu abrigo.
Além do imaginário, o silêncio é amigo.

Perdido no tempo,
encontrado no espaço, giro,
ideias vão e vêm.

Sou tudo o que sinto, mas esvazio-me em palavras soltas, que dançam à espera de formar frases... Sentido? Talvez só no caos.

Na vastidão do vazio, onde o pensamento se perde, encontro-me suspenso entre ideias que dançam no espaço.

Coração em silêncio,
no ar preso, sem alento.
Amar? Só no vento.

Palavras escapam, dançam no vazio. Não são minhas, nem tuas, são do vento. No ritmo da cadência, perco-me na letra que se dissolve no ar.

Sou livre, mas preso à liberdade,
carrego o fado de estar amarrado,
meu próprio infortúnio, meu fado.

Tinta das veias,
no papel vazio dança,
arte que nasce.

Pensamento que escorre como maresia, palavras que dançam entre o simples e o complexo. Frases sem razão, mas com alma.

As palavras dançam no caos, colidem e fogem antes que as prenda. Peço-lhes asas, mas só me deixam o silêncio.

Na arte quis amar-te,
voei por céus distantes,
e ao fim, estavas aqui.

Voei num precipício da alma, abraçando a loucura da queda. Quando caí, não me levantei mais. Só o eco do impacto e a vertigem me fizeram companhia.

Solidão, estende-me a mão. És o irmão que a união separou, mas na alma sempre ficou.

Marcas na alma,
ferem, golpeiam o ser.
Noite ilumina.

No teu olhar, o mar de amar. Saltei do bote, naufraguei só para te ver.
Nadei, nadei e não te encontrei.

Manchado de tinta, palavras dançam no caos. Silêncio ecoa, pedaços de mim dissolvem-se.

Sou a voz do silêncio,
grito que a escrita ecoa,
barulho alienado.

Roubei à palavra o que a alma escondia. Despi-lhe o sentido, arranquei-lhe o peso. Quando procurei a sua dor, ela fugiu como sombra ao sol.

Arranquei palavras,
pele exposta, sentimento
jorrou-me a alma.

Pensar é um martelo que bate na alma. Deixo fluir, mas o antes e o depois pesam. Sentimentos? Só são... sentimentos.

Pensamento disperso,
nuvem cruza o azul céu,
encontro meu Deus.

Sou apenas um condutor, a tinta é a alma que jorra no papel. Não sei ao certo se há deveres na escrita, mas sigo, porque escrever é respirar.

As palavras voam no ar, dançam com estrelas, plim! O luar ilumina o amar. Só estar, observar, escrever... e o silêncio a acontecer.

Alma do poeta, dor que queima,
desperta na vida, agonia que teima.
Amarras caem, livre respira,
sufocos não vividos, poesia que inspira.

As correntes do pensar, solitárias no seu fluxo, levam-me ao vazio de um pensamento só. Mais só do que o próprio silêncio.

Vazio em mim, cheio de mim. Inspira, expira. O ciclo dança, o peito canta, o silêncio grita.

A caneta dança no papel, subindo e descendo, criando riscos que ganham vida. Momentos efêmeros de ser e sentir, onde o acontecer se enaltece.

Seguro a caneta como quem empunha uma espada, pronta a rasgar o silêncio. No ócio do momento, acendo um cigarro e preparo-me para mais um golpe na folha em branco.

Cada palavra que escrevo carrega a fúria do meu peito. Histórias presas na alma, que nem o papel consegue libertar.

A caneta dança, tinta a fluir,
Ódio e amor, veneno a ferir.
Acolhe ou afasta, sem fim a seguir.

Poeta tem sempre razão,
no amor é pura emoção.
Razão? Só no coração.

Hoje encosto-me às palavras,
crio um silêncio que embala,

adormeço no aconchego da frase.

Nas encruzilhadas da vida, onde o tempo se despede, encontramos o vazio imenso. Ceder não é fraqueza, é a arte de fluir com o universo.

Saudade é um barco perdido,
navegando no mar do impossível.
Cego, sigo o vento do desejo.

Nos trilhos do céu,
unidos na solidão, vão.
Corações em vão.

Na viagem ao mistério, a ausência de segredo revela-se, simples e complexa como um pôr do sol que dança no horizonte.

As palavras são o eco do silêncio,
que a boca guarda em segredo,
mas o coração grita ao vento.

Na vertigem do medo,
glória oculta no silêncio,
chama sem fogo.

A caneta cansada,
no papel rasgos deixa,
tinta que silencia.

No vazio da alma,
silêncio da multidão,
só e não só.

Só as palavras sabem o peso do silêncio. Escrevi para ti, mas no fim escrevi para a solidão que em mim ficou.

Carrego palavras,
versos leves no sopro,

poesia voa.

Nas palavras, desvendo segredos que a alma cala e o coração guarda.

No oceano das lágrimas,
mergulho em palavras,
encontro-me na profundidade.

Escrevo versos na alma,
solidão que me embala,
companhia que não cala.

Quando parei, o silêncio falou.
A caneta na mão, o vazio no papel.
Palavras fugiram, ficou o essencial.

Corro no tempo, palavras a dançar, escritas sem parar. O tempo foge,
mas eu escrevo para o apanhar.

Entre as nuvens da alquimia da escrita, vive-se e sente-se. Só depois, com
a caneta em mãos, a magia acontece.

Entre o vazio e o som, perco-me nas palavras que me encontram. Ah,
como é doce o eco do que se escreve.

Na escrita me perco,
na alma me encontro enfim,
palavras sentem.

Na ausência de palavras,
escuridão me abraça.
Força das palavras, luz que passa.

Sentir e não ver,
olhar o mistério oculto,
coisas deturpadas.

Nas curvas da vida, o destino brinca. Olhares cruzam-se, palavras chocam-se. Entre o instante e o infinito, somos acidentes de nós mesmos.

No silêncio frio,
a alma chora em versos,
coração preso.

Palavras acorrentadas, mas ainda assim voam. Escritas para quem lê,
libertam o coração.

No sopro do vento,
olhares congelam o tempo,
momento eterno.

O tempo é um paradoxo: vive-se e morre-se nele. O momento, porém, é o
que nos escapa.

Escrever é viver sem sobreviver,
um voo feérico no existir.
Esconde-se no tempo,
encontra-se nas palavras.

O amor é chama,
que aquece e também queima.
Dor na alma fica.

Cego de palavras, vejo o mundo.
Escrevo-as, perco-me no fundo.
Clareza embriaga, silêncio profundo.

Fechado no agora,
escrita liberta no ar,
calma a pulsar.

Como capturar a tristeza com palavras? Ela não se escreve, sente-se.
Esconde-se na dor e na angústia já vivida.

No mar da vida,
esperança vasto azul,
dor se dilui.

As palavras esperam, quietas,
não são tristes nem mortas,
vivem quando as tocamos.

Sentimentos em palavras, um universo num só instante.

As palavras são como sementes no coração, germinam com o tempo.
Procuramos a certa, mas o momento é fugaz. No fim, há sempre um
silêncio que grita o que ficou por dizer.

Vozes do infinito ecoam, gritos que despertam. A realidade sussurra,
ouves?

Sentimentos são palavras,
marcas no tempo deixadas,
vidas registadas.

No silêncio das palavras,
quem não as lê, não as sente.
Porém, nelas viajamos.

Entre a neblina,
noite e desejo dançam,
medito ao longe.

Sentir é viver,
nos sentidos navegar,
alma a vibrar.

Sozinho estou,
o eco do meu ser só,
silêncio grita.

No âmago do ser,
amargo e raro flutuar,
espírito a mergulhar.

No silêncio do ser,
missão solitária ergue-se,
eco no vazio.

As estrelas dançam,
nuvem que passa depressa,
tudo é efêmero.

Aqui estou, emaranhado no ser, só a ser.

Na escuridão encontro clareza,
quanto mais sombra, mais sobriedade.
A alma dança no silêncio.

Olho-me, escrevo.
Vírgula e ponto,
construo, destruo,
renasço no precipício.
Voltar a construir é o meu grito

Sou eu, apenas eu, sem o eu que sou todos os eus que não são eu. Entre o tudo e o nada, sou o vento que passa.

Olho para o horizonte e penso... estás aqui. É verdade, estás aqui. No silêncio do amanhecer, a certeza do teu ser.

Estou e penso que, esqueci-me... mas talvez o esquecimento seja só um lembrete de que nem tudo precisa de ser lembrado.

Pensamento pesado,
como nuvem a descarregar,
alma a chorar.

Sentir-te é como dançar com o vento, sem tocar, mas a alma a rodopiar.

Fujo, corro, perco-me. Só vontade de correr, de voar sem destino. A liberdade dança nos meus passos.

A escrita vibra,
letras voam no imenso,
dança do dizer.

Quantas vezes o coração tropeça, e mesmo assim insiste em dançar?

Pensar, um estranho ato,
Ser estranho ao pensar,
Ou apenas pensar no ser?

Estranho é o que nos cerca,
invisível mas tão claro,
estranheza que nos abraça.

Ser comandado sem vontade,
coração em nó, alma calada.
Liberdade, onde estás guardada?

Vida eterna,
viver e guardar.
Nunca vazios,
carregamos sempre a alma,
cheia de memórias.

Misturo ideias,
diluo, separo, volto
a criar mundos.

Na arte da criação, cada dia é uma nova tela em branco. Criar, recriar e criar novamente... é a dança infinita da imaginação!

Criar é um vazio cheio de mundos,

onde o nada dança com a ausência,
e a imaginação é o eco do silêncio.

Destino melancólico,
carga que o tempo carrega,
sopro sem alívio.

Ilusão é o pincel da vida, a verdade é a tela. Quanto mais pintamos, mais caminhos surgem.

Absorvido no pensamento,
esmagado, dilacerado,
renasço fortalecido.

Pensamentos dançam,
olhares presos no tempo,
memória eterna.

Perdido no espaço,
onde o espaço é imenso,
mas falta-me chão.

Ausente, vagueio.
Procuro-me no vazio,
perco-me no eco.

Deambulo entre palavras, como quem dança com o vento. Encosto-me à certa e, num sopro, deixo-me ir.

Entre a imaginação e o imaginar verdadeiro, há um voo. Voar com a sensação plena do voo é a arte que nos eleva.

Esse líquido que solidifica e verte sem jorrar... um mistério que escorre pela alma.

Nascer e renascer, a cada instante,
O tempo ilude, mas segue avante.

Vagueio na brisa, vida pulsante.

Alegria e insatisfação,
mesmo satisfeito, um vão.
Viver, contradição.

Alma dança, sombra abraça,
leveza e peso em plena graça.
Ser que é sol, ser que passa.

Brisa que dança,
mente inquieta se encontra,
luz que avança.

Luz que brilha,
ser que se revela, eterno.
Reflexo da alma.

Palavras a girar, pensamento a dançar. O inverso do pensar é também um verso.

Palavras dançam,
num verso que encanta,
magia levanta.

Tristeza no ar,
asas de liberdade vão,
regresso no coração.